



Instituto Superior Técnico da
Universidade de Lisboa

Relatório Rápido nº32
25 de Junho de 2021

Situação dos indicadores de Risco em Portugal

Grupo de trabalho de acompanhamento da pandemia de COVID-19 em Portugal - 2021



Coordenação de Rogério Colaço
Presidente do Instituto Superior Técnico

Sumário:

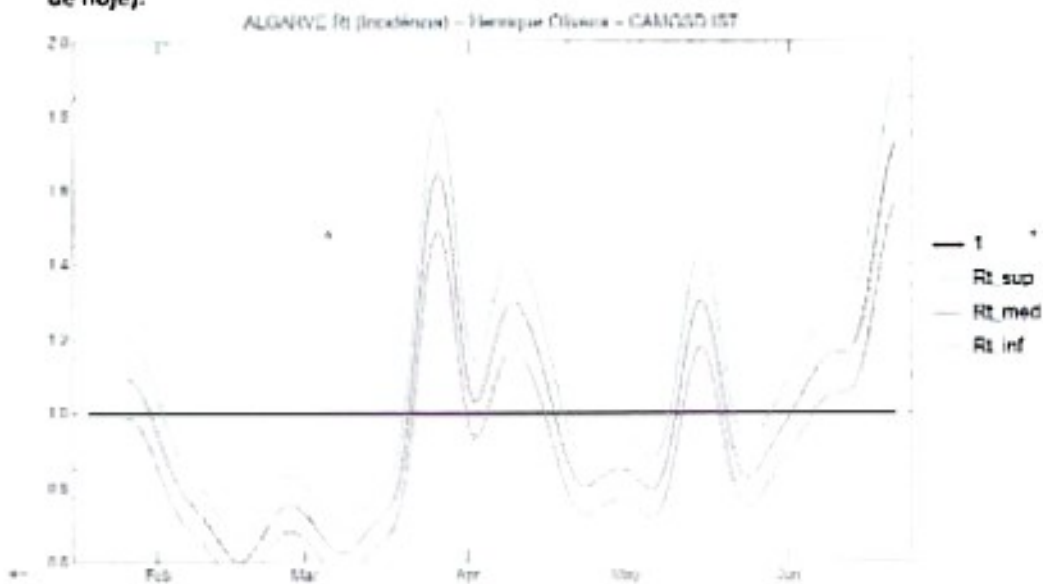
- O Rt recuperou validade como indicador, pois a incidência é alta. Teve um desagravamento ligeiro desde o último relatório.
- A letalidade do grupo dos mais de 80 anos desceu de novo, agora para valores próximos dos 8%. No entanto, morreram 18 pessoas nesta faixa etária na semana anterior, o que nos traz preocupações sobre o real efeito da vacinação e duração do seu efeito, nomeadamente contra novas variantes, nesta faixa etária.
- A Variante Delta parece estar a reduzir a sua aceleração de propagação em Lisboa e Vale do Tejo, mercê dos avisos da comunicação social e das autoridades de saúde sobre os perigos da nova variante que têm levado a população a ter maiores cuidados individuais e sociais conjugados com os avanços na vacinação. O gradual encerramento do ano lectivo poderá também ajudar na descida dos indicadores diferenciais que se agravaram nas semanas anteriores.
- Neste momento o objectivo será a imunização quase completa da população como afirmado por nós anteriormente.
- O crescimento em Lisboa e Vale do Tejo começou a dar mostras de cedência, mas a região do Algarve tem crescimento elevado de casos.
- A nossa previsão de subida de casos em Lisboa e Vale do Tejo, está a moderar-se, mas mais observação será necessária.
- A taxa de variação de casos a nível nacional desceu de 5.3% para valores de 2.9% de crescimento ao dia em média deslizante a sete dias (geométrica). Um valor ainda preocupante em termos reputacionais para a economia nacional e o turismo mas que dá sinais de alívio.
- A média diária de óbitos estabilizou nos dias entre os relatórios. Depois de ligeira subida estamos a observar uma estabilização ou mesmo ligeira descida.
- A pandemia não está, ainda, neste momento, em condições de controlo, no entanto a situação de crescimento parece estar em vias de reversão. A excepção é a situação do Algarve a agravar-se.
- Os semáforos de risco, sem a ponderação da severidade e vacinação, desenhados pelo IST e anteriormente apresentado pelo Governo da República estão com tendência de aumento na incidência, mas redução do Rt, estando ainda no vermelho.
- A positividade dos testes a nível nacional está em 2.33% o que indica que não se realizou a afirmada "testagem em massa". Manteve-se estável desde o relatório 31.

Situação actual

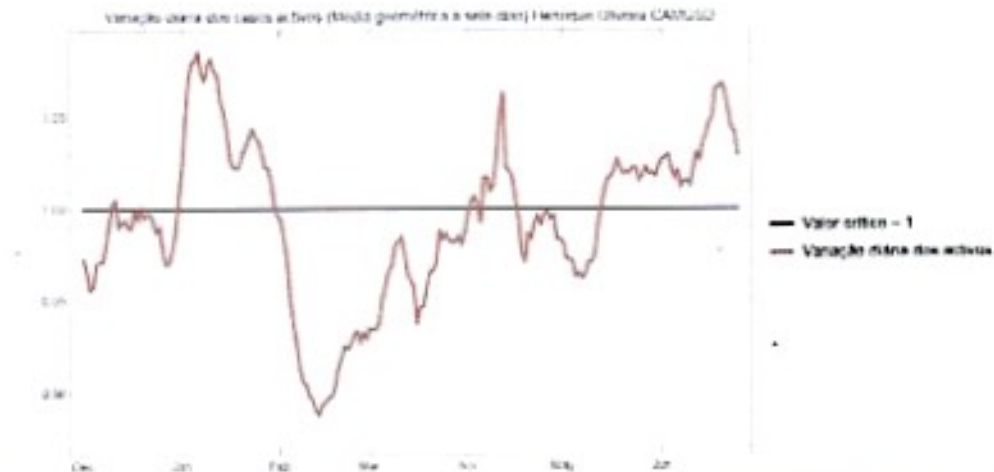
- A situação, dia 25 de Junho de 2021, tem uma descida no capítulo de indicadores integrais, como internamentos gerais passando de 450 para 431 casos. Com a severidade da doença antes da vacinação se iniciar, teríamos cerca de 950 internamentos, o que revela que o efeito da vacinação reduziu a severidade hospitalar por um factor acima de 2.
- Os doentes em UCI subiram desde o último relatório de 101 para 108. As subidas de incidência, que se dão há 41 dias, têm consequências no agravamento nos números de doentes graves. As faixas etárias dos doentes em UCI necessitando de ventilação mecânica têm-se reduzido. Nota-se que a redução de severidade nos cuidados intensivos com a vacinação é menor do que nos outros indicadores, temos agora 66% dos doentes que teríamos sem a vacinação.



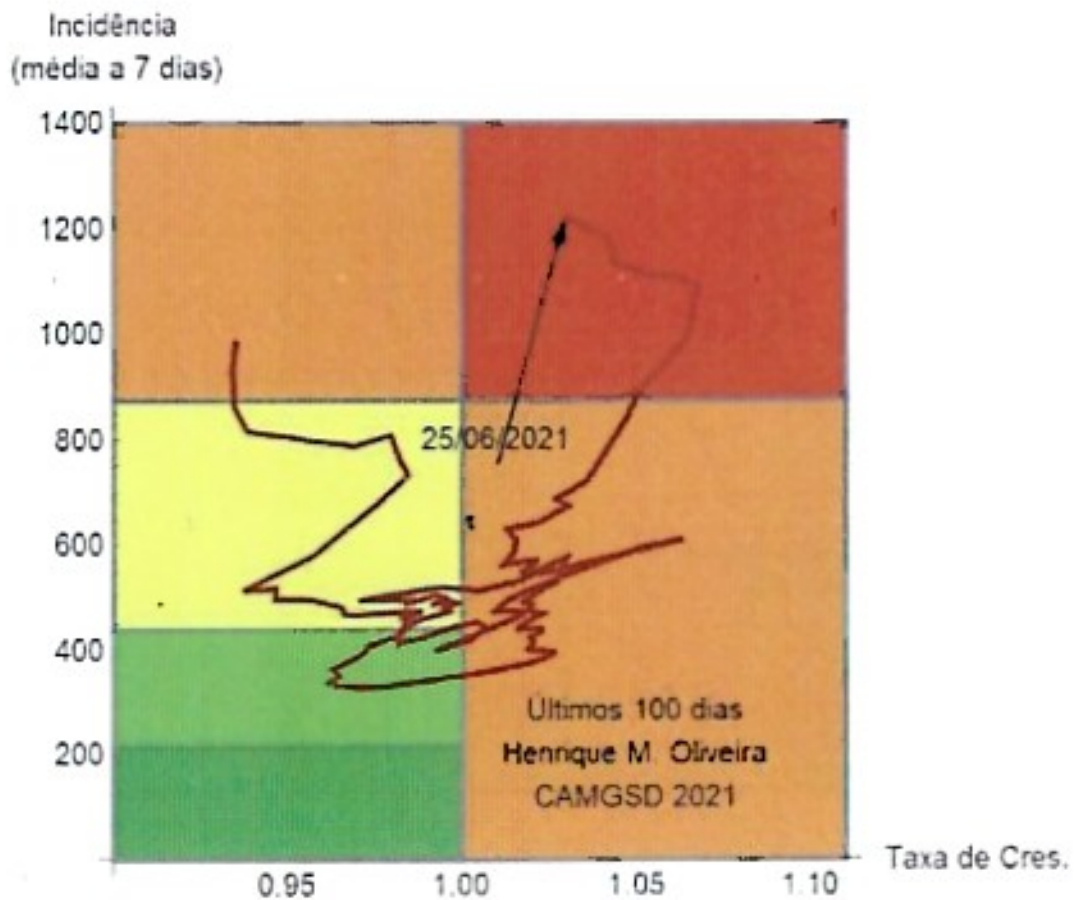
- Os óbitos diários em média móvel a sete dias desceram de 3.6 para 3.2. Este é ainda um valor muito moderado que indica que a doença voltou a estabilizar neste capítulo.
- No caso dos doentes com mais de 80 anos a situação de subida recente inverteu-se. Revela-se agora uma redução muito ligeira de 10% para cerca de 8%, o que é encorajador. A nota fundamental é para se manterem os cuidados nas instituições de acolhimento de idosos, uma vez que estes têm senescência do sistema imunitário, provável redução no tempo da imunidade vacinal e menor defesa vacinal contra novas variantes.
- O R_t desce de 1.28 para 1.18 no país.
- Temos por regiões o R_t :
 - Norte, R_t com média a sete dias 1.05, com descida.
 - Centro, R_t com Média a sete dias 1.16, com descida.
 - Lisboa e Vale do Tejo, R_t com média a sete dias 1.20, com descida.
 - Alentejo, R_t com média a sete dias 1.21, estabilidade com ligeira subida.
 - Algarve, R_t com média a sete dias 1.52, preocupante.
 - Açores, R_t com média a sete dias 0,96.
 - Madeira, R_t com média a sete dias 1,16. Descida do R_t .
- No gráfico seguinte temos o R_t da região mais preocupante, o Algarve, calculado pelo método desenvolvido no Instituto Superior Técnico, e que nos dá até dia 19 de Junho, em média móvel a sete dias, este indicador sem atrasos (este indicador não pode ser calculado com referência ao dia de hoje).



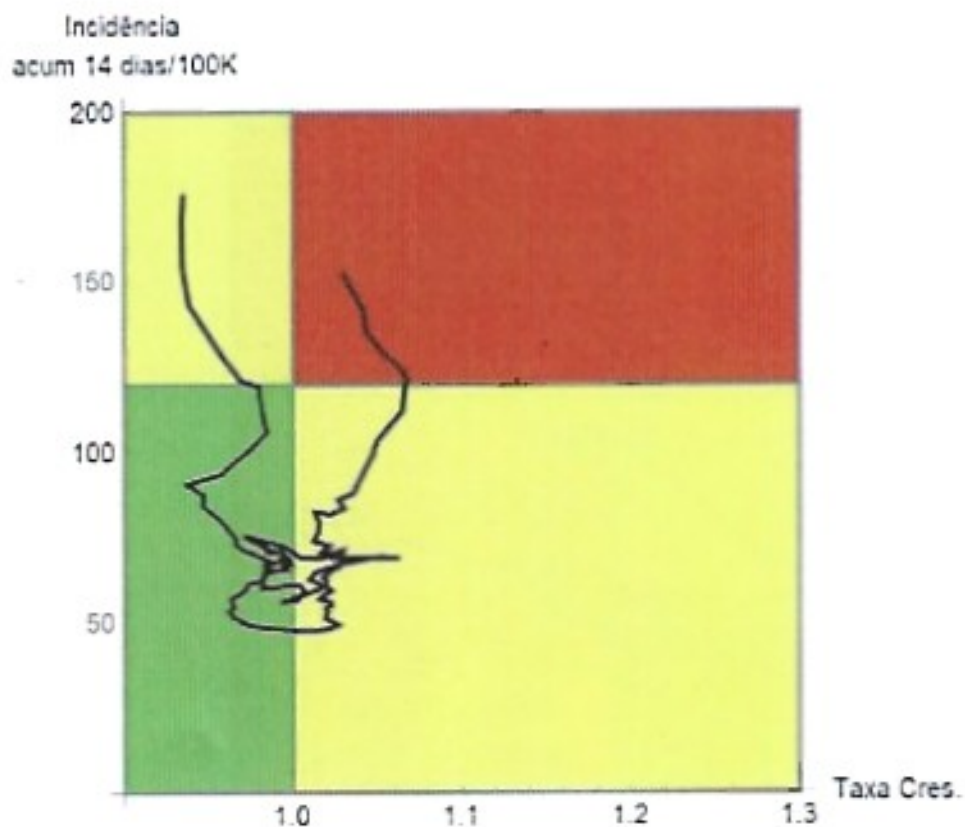
- Consideramos agora a taxa de variação diária de casos activos, i.e., a variação dos activos epidemiológicos, ou seja, casos em fase infecciosa e que têm potencial de contagiar. Este é um indicador importante pois é rápido a reagir a alterações e é conjugado ao R_t (quando sobe o R_t também sobe e vice-versa). A taxa de crescimento dos activos desceu, em média móvel a sete dias, do valor 1.053 para 1.023, e está elevado (acima de 1) desde meados de Maio. A descida que se pode verificar é muito significativa. É necessário esperar mais dados para ver se continuamos a tendência.



- A lista da incidência em média a sete dias dos últimos oito valores é a seguinte: 996, 1053, 1086, 1105 e 1111, 1132, 1179 e 1222, tendo subido mas sem a aceleração exponencial da semana anterior.
- Os patamares de risco estão em:
 1. O primeiro entre 875 e 439 casos por dia em média a sete dias. Estamos com 1222, i.e., no vermelho e fora da zona considerada controlável e fora da capacidade de rastreio habitual do sistema.
 2. O segundo entre 438 casos e 220 casos, em média a sete dias.
 3. O terceiro abaixo de 219 casos por dia, (nunca atingido desde 2020).
- Correspondem a média acumulada em catorze dias por 100.000 habitantes a valores de
 1. Abaixo de 120 e acima de 60.
 2. Abaixo de 60 e acima de 30.
 3. Abaixo de 30, nunca atingido desde 2020.
- Estamos com 152 e a subir dentro do vermelho, a situação é considerada ainda como epidemia fora de controlo nos indicadores governamentais, no entanto este indicador está atrasado sobre a realidade.
- Apresentamos o semáforo rápido com estes patamares. Em abcissas temos a taxa de crescimento/decrécimo dos casos activos, e em ordenadas a incidência média diária a sete dias em Portugal.



- * A inflexão para a esquerda já indicava no relatório 31 uma descida do R_t que se confirmou.
- * Temos no indicador *casas acumuladas em catorze dias por 100.000 habitantes* um valor de 152, um valor acima do último relatório (122) e que ultrapassa a linha vermelha traçada pelo Governo da República.
- * Pode-se ver no gráfico aqui apresentado a evolução dos últimos 100 dias dentro do "semáforo" apresentado por S. Exa. o Primeiro-Ministro. Neste gráfico apresentamos agora em abcissas o R_tP calculado com o método de cálculo do Instituto Superior Técnico e em ordenadas a incidência acumulada a 14 dias por 100.000 habitantes.

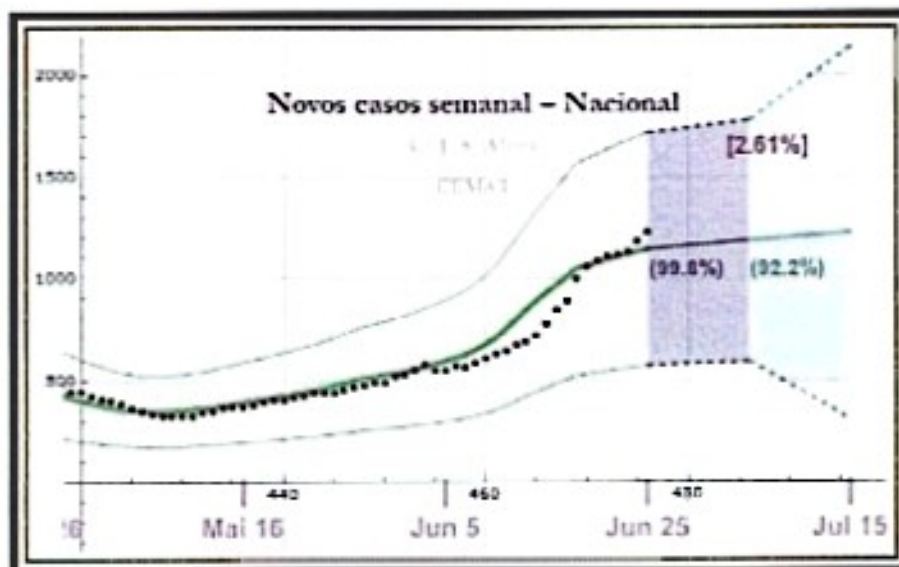


- * A positividade dos testes manteve-se próximo de 2.3%, o que revela que ainda não se iniciou qualquer processo de "testagem massiva".

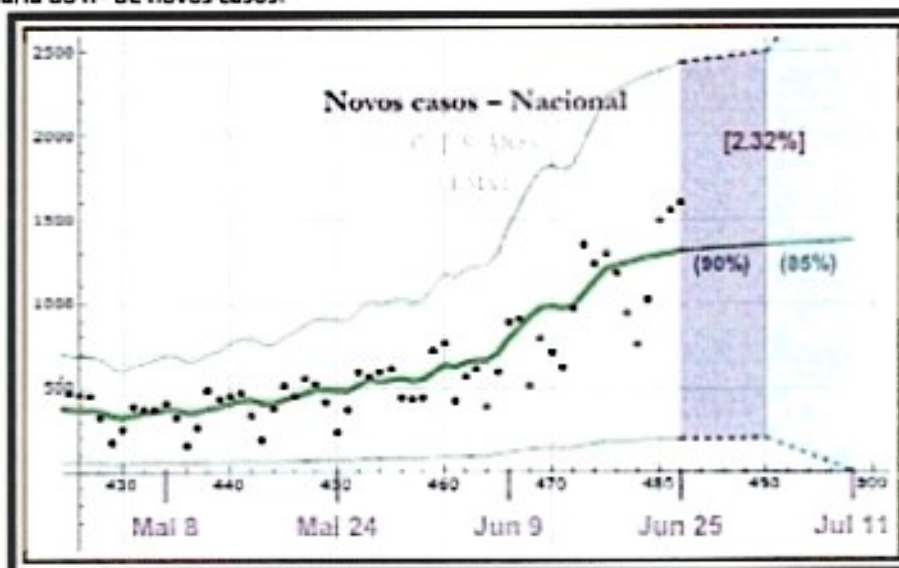
Análise pelos métodos de regularização (C. J. S. Alves, CEMAT-IST)

Actualidade Nacional:

O crescimento do número de casos na ARS Lisboa e Vale do Tejo (LVT) foi atenuado pelos últimos resultados diários, deixando de apresentar características de um crescimento exponencial, ainda que se mantenha com valores de incidência considerada elevada.



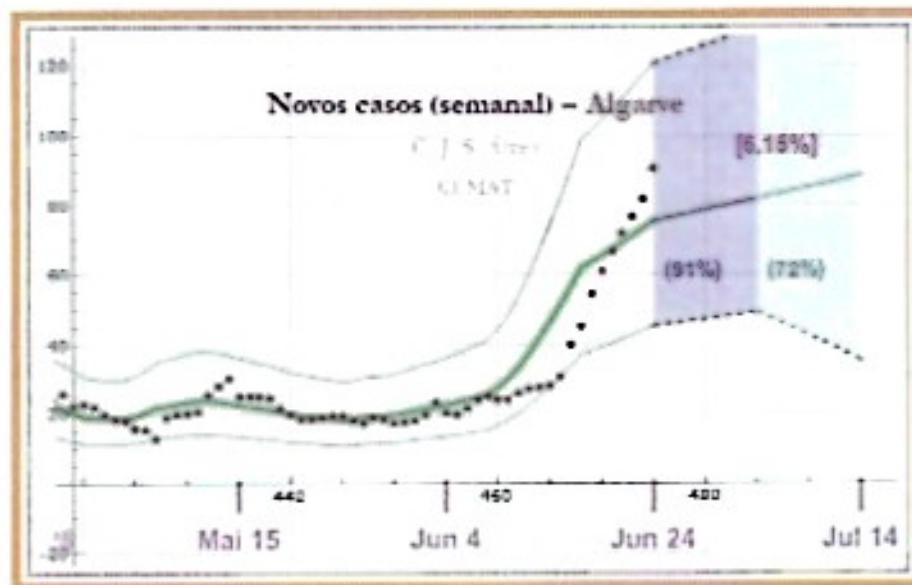
Evolução diária do nº de novos casos:



A amplitude dos intervalos permite prever subidas até 2000-2500 casos, mesmo em média semanal até meio de Julho.

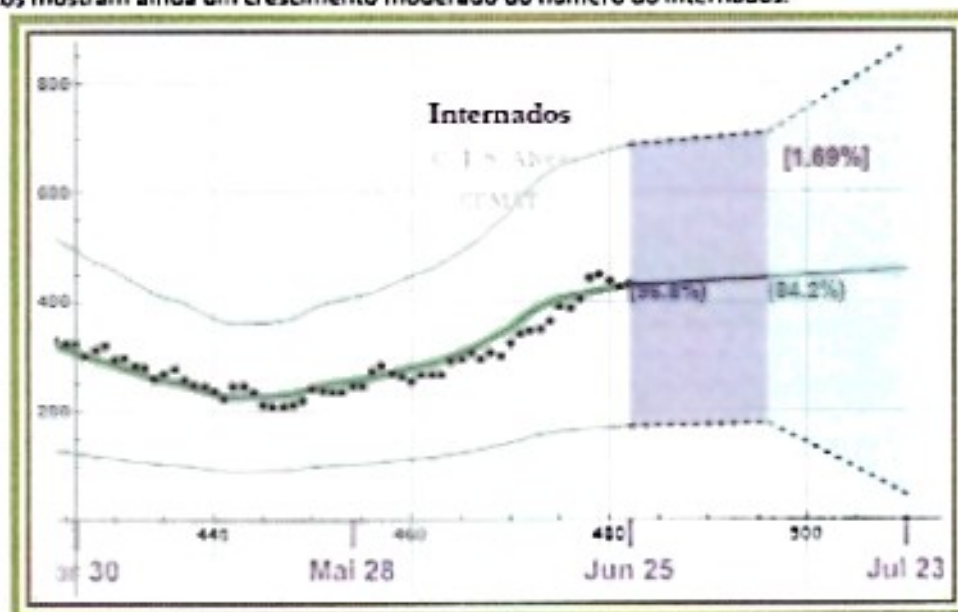
Actualidade Regional:

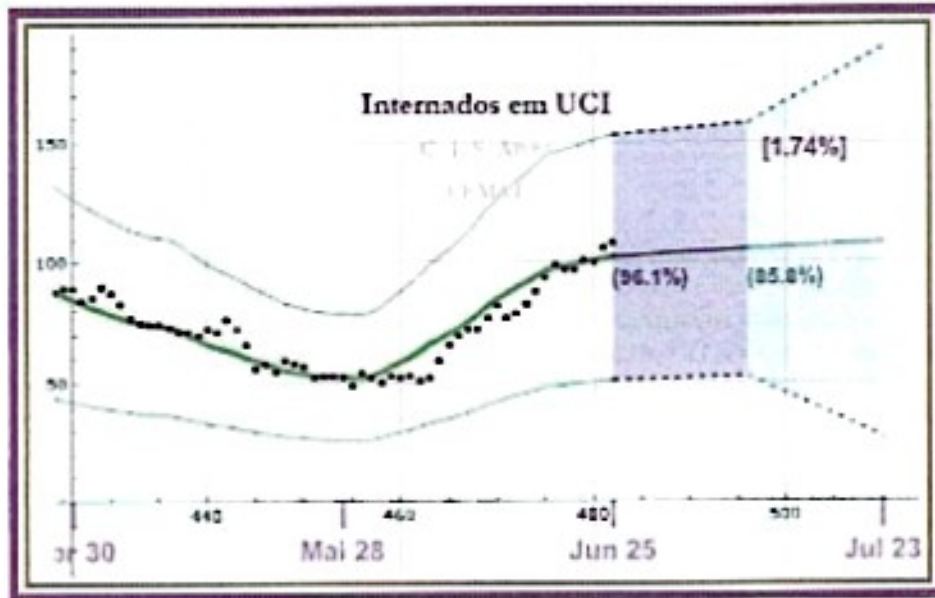
Além da situação na ARS LVT, que merece atenção, mas tem um perfil semelhante à nacional, interessa focar o caso da ARS Algarve, que em 10 dias triplicou o seu valor de média semanal, evidenciando aí algum descontrolo no aumento exponencial.



Actualidade em número de internados (e UCI):

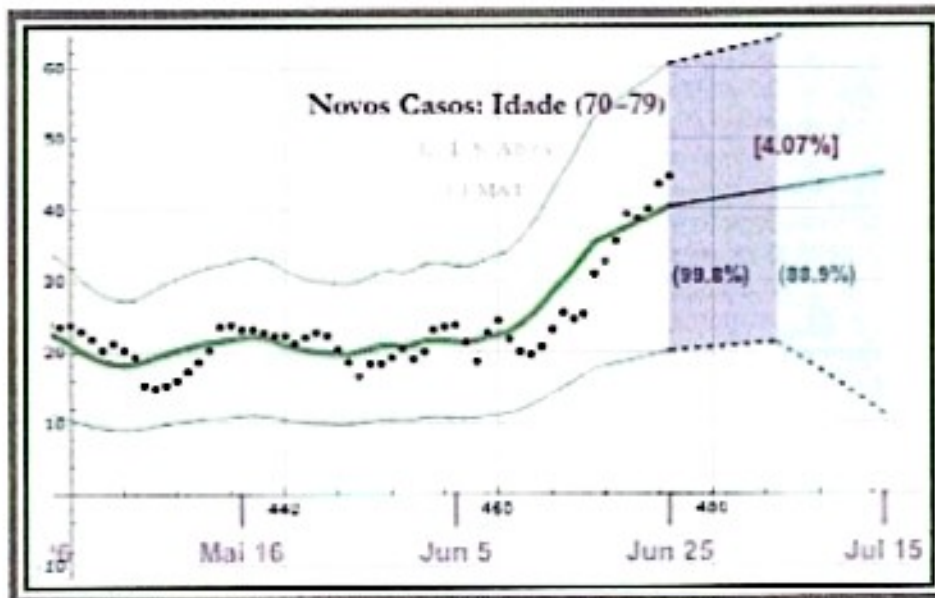
Os gráficos mostram ainda um crescimento moderado do número do internados.





Actualidade em faixa etária:

Nota-se um aumento significativo do número de casos infectados na faixa 70-79, uma das faixas onde a vacinação é praticamente total, o que mostra uma desadequação de conceitos.



- À vacinação foi atestada eficácia na mitigação dos efeitos, o que está a ser colocado em causa nesta última semana, com 18 mortos na faixa de 80 ou mais anos.
- A associação de vacinação a permanente teste negativo, como em "iniciativas tipo Covid-ID", pode corresponder na prática a um descontrolo na propagação da infecção pelos já vacinados, que não deixam de contrair novas variantes e a transmiti-las. Pensamos que deve existir uma diferenciação entre teste negativo recente e vacinação que pondere o tempo decorrido, faixa etária e efeito sobre variante.



- Os efeitos da vacinação carecem de mais estudos, nomeadamente em diferentes faixas etárias, face a novas variantes do vírus SARS-CoV-2 e tempo decorrido sobre a última inoculação, para poder ser associada de forma equivalente a um teste PCR recente negativo.

Conclusão

A pressão sobre os serviços de saúde manteve-se na última semana, em valores ainda seguros, mas em subida ligeira nas UCI de Lisboa e Vale do Tejo. Com a presença da variante Delta, as previsões ainda são difíceis de fazer, mas estimamos que esta pressão, ainda moderada, possa sofrer um aumento proporcional ao aumento da incidência, que em LVT parece aproximar-se de um pico com descida subsequente.

A situação de Lisboa e Vale do Tejo ainda inspira cuidados consideráveis, apesar da previsível descida de Rt. Tendo em conta a agressividade da nova variante Delta, devem ser adoptadas medidas de mitigação em zonas de alta incidência.

Os efeitos de fecho da zona Metropolitana de Lisboa ao fim de semana não revelaram qualquer efeito de mitigação na transferência da variante Delta que entrou em força no Algarve e que se está a expandir nesta região de forma significativa. O encerramento do ano lectivo, que se está a dar em todo o país, poderá ser determinante na descida dos números mais recentes.

Os dados, e o semáforo epidemiológico do IST, sugerem que a situação é, nominalmente, menos favorável do que a apresentada no Relatório Rápido nº 31 em termos de incidência, mas com evolução favorável no Rt, o que carece de mais observação. Os sinais de alarme voltaram a aumentar na questão da incidência, mas desceram no Rt. Os aumentos do Rt fora da região de Lisboa e Vale do Tejo confirmam-se no Algarve.

Mantemos a observação de vários relatórios anteriores: *«A vacinação tem sido o principal factor de alívio das indicadores integrais (internamentos, UCI, óbitos) na sua globalidade. Neste momento será a grande arma de controlo da pandemia em face da subida da incidência que se faz sentir.»*

Como afirmado anteriormente: *«Consideramos importante continuar a monitorizar a situação devido, sobretudo, à possível introdução de novas estirpes vindas do exterior e consequente difusão dessas estirpes através de contágio na comunidade.»* Verificando que a introdução da variante Delta foi elemento decisivo que provocou a aceleração de casos no concelho de Lisboa e na região de Lisboa e Vale do Tejo nota-se que esta variante já se encontra a produzir efeitos noutras regiões, sendo o seu efeito muito evidente no Algarve, como tínhamos nos últimos relatórios.

Repetimos:

- *«Continuamos a afirmar que a doença aparenta ser menos severa do que já foi, uma tendência que pode travar devido a esta variante Delta e outras que podem surgir. As medidas de contenção, distanciamento social, uso de máscaras, pedagogia e comunicação são muito importantes, mesmo para todos os que já foram vacinados, de forma a que comportamentos que potenciam contágios não se verifiquem.»*

Fazemos notar que situações semelhantes à de Janeiro de 2021 não se afiguram possíveis com a variante Delta, uma vez que a severidade da doença está em valores de cerca de um décimo em termos de letalidade, um meio em termos de internamentos e dois terços em termos de casos graves a necessitar de ventilação, isto comparando com períodos homólogos do ano passado. No entanto, há sempre a possibilidade da introdução de novas mutações do SARS-CoV-2, sendo muito recomendável uma apertada vigilância sobre viajantes vindos de zonas mais sensíveis.